

## **COMISSÃO DE SAÚDE (CS)**

**24.08.2021**

**O SR. EDMIR CHEDID - DEM** - (Áudio indisponível até este momento.)  
...Dra. Patrícia, que vem fazer uma explicação importante para todos nós.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Deputado, como a Patrícia Marino é convidada e já está aqui, e a gente pode apreciar a pauta em uma outra reunião, eu gostaria de não fazer desfeita de dispensá-la sem falar, visto que a gente tem o horário do Plenário, que é às 15 horas, e a gente não pode passar desse tempo.

**O SR. EDMIR CHEDID - DEM** - De forma alguma eu quero deixar de ouvir a Patrícia. De forma alguma, não é isso. É tentar votar rapidamente aí, para dar prosseguimento ao projeto do deputado, e ouvi-la. A proposta é só essa, mas nunca deixar de ouvir.

**O SR. JOSÉ AMÉRICO LULA - PT** - Pela ordem, Sra. Presidenta.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Pela ordem.

**O SR. JOSÉ AMÉRICO LULA - PT** - Eu estou totalmente de acordo. Vamos ouvir a nossa convidada. Eu só queria dizer o seguinte. Eu ia pedir para a senhora pautar a discussão das OSs, da quarteirização das OSs, que têm tido crises e mais crises sucessivas. A Secretaria da Saúde não dá conta de responder, e nem tem interesse em responder.

Nós tivemos recentemente a João Amorim, que é uma OS importante, e deu a maior crise. Aliás, em sequência, a crise no hospital que ela administra, porque ela está trocando os quarteirizados. A empresa que os médicos são sócios, são obrigados a serem sócios, que recebem como lucros e dividendos.

Eles têm trazido muito problema na continuidade do serviço. Então, eu acho que a gente devia pautar isso para a gente discutir um dia, e, se for o caso, trazer o Danilo, da Secretaria da Saúde para vir aqui explicar para nós, porque eles estão muito infensos a qualquer tipo de atitude, a qualquer tipo de providência.

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Nenhum óbice, deputado José Américo. Peço à secretaria, então, que providencie um convite à pessoa responsável, ao departamento responsável pela contratação das OSs, para que venha alguém aqui representando, para trazer aqui esclarecimentos para esta comissão.

Queria registrar a presença do deputado Alex de Madureira e da deputada Edna Macedo, e vou prosseguir com a leitura do currículo da nossa convidada, a Patrícia Villela Marino.

Ela é cofundadora e presidente do instituto “Humanitas 360”. Ela lidera o instituto definindo a estratégia, trabalhando com parceiros, colaboradores, e articulando as parcerias. Ela é bacharel em direito pela Universidade Mackenzie, e Patrícia foi aluna convidada do curso de Filantropia e Terceiro Setor da J. F. Kennedy School of Government, da Universidade de Harvard.

Foi integrante do conselho fundador da Global Shapers, do Fórum Econômico Mundial, e criadora da Hub SP. Liderou, também, a criação da Plataforma Latino-americana de Políticas de Drogas, PLPD, e pertence ao conselho consultivo do Centro Ruth Cardoso.

Participou do conselho executivo da Bienal das Américas, a convite do ex-governador do Colorado, John Hickenlooper, e do conselho de gestão da Secretaria de Assistência do Desenvolvimento Social do Município de São Paulo, e é cofundadora do “Civi-Co”, espaço de trabalho que reúne empreendedores cívico-sociais.

É mãe do Daniel, ativista social, comprometida com seu país, e com a disseminação da cultura de colaboração. A Patrícia também faz um trabalho lindíssimo nas penitenciárias femininas, de empreendedorismo, com as mulheres que lá estão, detentas, e fazendo com que elas tenham a dignidade resgatada, mesmo estando privadas de liberdade.

Então, gostaria de passar a palavra para você, Patricia, com muita honra, para você fazer a explanação do trabalho que está sendo desenvolvido no Brasil com o canabidiol.

**A SRA. PATRÍCIA VILLELA MARINO** - Muito boa tarde. Muito obrigada pelo convite, Sra. Presidente, Patricia Bezerra. Eu saúdo os deputados aqui presentes. Não me consta que haja uma outra deputada, a não ser a presidente, então me referirei à Sra. Presidente e aos Srs. Deputados. Eu quero saudar especificamente o autor da

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

iniciativa em questão - à qual eu sou convidada para falar sobre, junto com a minha própria experiência -, o deputado Caio França e sua colega de Casa, Erica Malunguinho.

Agradecer, mais uma vez, porque falar com os senhores neste ambiente me toca emocionalmente, profundamente. Me faz lembrar de quando o meu pai também exerceu o seu mandato e eu ia todas as sextas-feiras escutar as discussões de Plenário, depois de almoçar com ele. Portanto, a vida política e os trâmites desta Casa me são muito caros.

Quando eu vejo o assunto da legalização da cannabis medicinal e a sua regulamentação para a distribuição no serviço público de saúde dentro do estado de São Paulo, eu vejo uma história de muitos anos se fazer presente nos meus dias de hoje, aos 50 anos. Com muita, portanto, emoção, também lembrar que em 2018 foi a última vez que eu visitei esta Casa, quando me foi estendida a honra, pelo deputado Carlos Bezerra, de receber a honra do Prêmio Santo Dias de defesa de Direitos Humanos.

Como não estarmos, aqui, falando da defesa de um direito humano? A sua vida, a sua saúde e a sua qualidade de convivência. Eu fico, portanto, bastante tomada por este momento e agradecida aos senhores pelo convite e pela sua presença, sabendo que sobre todos lhes cai uma agenda bastante pesada e exigente. Eu sei que o tempo também não nos é prolongado aqui.

Eu queria começar a nossa conversa cívica, se assim nós podemos chamar, levando em consideração o momento em que nós estamos: de proibicionismo. De um proibicionismo que cega a todos nós e que obsta pessoas absolutamente necessárias do uso de uma substância à sua vida, à sua qualidade de vida e à sua possibilidade terapêutica.

Faz já muito tempo que eu milito na causa, e eu milito nem tanto pelo lado do ativismo, senhores e senhoras, mas pela defesa desse direito, porque é verdade que, na minha casa, eu não tenho nenhum paciente direto que sofra de uma enfermidade, que sofra de uma síndrome, que sofra de uma necessidade direta e absoluta, mas é também verdade que, como cidadã brasileira, eu não posso fechar os olhos à dor do outro. Como cidadã brasileira, como uma pessoa de fé, a dor do outro tem que passar a ser a minha dor, por um exercício empático e compassivo.

Ao buscar me educar neste assunto, eu me encontro com uma produção cinematográfica que estava sendo feita e me torno a produtora de um documentário que, se os senhores e as senhoras ainda não assistiram, eu os convidaria que assistissem. Está disponibilizado no canal do YouTube chamado “Illegal”. Ali, nós nos damos de cara

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

com histórias de mães e pais que lutam, de qualquer maneira, pela vida e pela qualidade de vida dos seus filhos e das suas filhas.

Eu, nesse momento, estava dando a luz ao meu filho, uma gravidez que demorou muito para que se consumasse, se consolidasse, mas uma gravidez que foi muito saudável. O Daniel hoje tem nove anos e ele esteve, em 2018, comigo no Plenário, na época da condecoração. Ele não precisou fazer o uso, mas não é porque eu não preciso, não é porque essa dor não bateu na minha casa que nós não precisamos conhecer a dor que bate na casa do outro.

Por isso, o meu comentário anterior foi que me causa felicidade e contentamento ver que os legisladores do estado de São Paulo foram pautados e estão buscando cada vez mais aprofundar o seu conhecimento acerca de um assunto muito místico, por um lado; acerca de um assunto extremamente politizado por agendas econômicas, financeiras, de outros; acerca de um assunto disputado por grandes indústrias; acerca de um assunto no qual o interesse pela vida foi banalizado, minimizado e quase esquecido, quando o interesse econômico e financeiro assumiu proporções tão grandes.

Eu queria trazer ao conhecimento dos senhores que se nós não nos distanciarmos do proibicionismo, que nos cega a todos, de uma maneira ou de outra, e não nos aprofundarmos na necessidade da investigação científica, na produção de dados e de evidências, nós continuaremos na marcha ré da história. Porque o mundo já se mobilizou nesse sentido. Porque o Brasil já foi vanguarda em pelo menos dois momentos que eu poderia aqui dividir com os senhores, que foi a criação dos genéricos e o tratamento da Aids, que também foi uma enfermidade extremamente politizada e misticizada entre nós.

Hoje, se nos apresenta a possibilidade de sermos vanguarda novamente. Temos um capital científico, temos um capital humano, temos uma grande aceitação e uma mudança de cultura da população, averiguada e confirmada por recentes pesquisas de que os brasileiros aceitam, de que os brasileiros precisam conhecer mais, mas que já houve uma formação de cultura ao longo da última década de que nós nos precisamos abrir para uma nova economia, para uma economia regulamentada. Sim, para uma economia transparente, para uma economia do novo mundo, que traga emprego, que traga prosperidade científica para os nossos cientistas, que convide ao capital filantrópico - do qual eu sou uma representante - a fazer os seus investimentos.

Investimentos em ciência, investimentos em educação, investimentos em aprimoramento do nosso movimento democrático e amadurecimento das nossas

instituições, para que nós possamos ter junto com o mercado economicamente ativo, acesso econômico da população e justiça social.

É bem verdade que não trata da nossa discussão aqui ou do nosso debate aqui, mas justiça social - uma elaboração e uma releitura da nossa história com relação à marginalização dos nossos periféricos, da nossa população mais empobrecida - vai ser muito importante, porque os nexos de casualidade na nossa história existem.

E eles existem para nos explicar, eles existem para nos nortear, eles existem para nos esclarecer e tirar as vendas dos nossos olhos que enrudecem ou que encrudescem os nossos corações. É sabido que nós estamos falando de uma planta, eu gosto sempre de me identificar como uma pessoa criacionista.

Eu sou uma pessoa que acredito na criação no mundo, portanto todas as coisas foram feitas por um único Deus e criou inclusive a cannabis, que, ao longo da sua história, passa por uma queda das suas virtudes, ou por um roubo, um furto das suas virtudes, e passa então a configurar-se como um perigo à humanidade.

Isso é bastante fruto de uma falta de conhecimento, a falta de conhecimento nos leva a um preconceito, pela impossibilidade de fazermos um conceito. O conceito vem dessa nossa discussão, amparada com embasamento científico, nos dados, nas evidências, na casuística, na história, naquilo que se produz e muito na humildade de olharmos e dizermos que se antes entendíamos de uma maneira, hoje podemos nos capacitar a entender de outra maneira.

Se antes entendíamos com poucos canais de informação, hoje não nos faltam canais de informação para transformarmos o nosso conhecimento, e para adquirirmos cada vez mais conhecimento. O Brasil tem um capital científico formado de cientistas altamente capacitados, treinados aqui, e no exterior, que se debruçam em cima dessa causa a muitos anos. Já existe produção científica suficientemente.

A história de outros países mostra o quanto homens e mulheres do direito, do direito público, do poder público, legisladores, representantes do Poder Executivo recorreram aos insumos científicos para que legislações fossem feitas. E homens e mulheres se despiram dos seus conhecimentos anteriores e buscaram novos.

Eu acompanhei muito o caso do estado do Colorado, sei que o governador - que se tornou um amigo pessoal - tinha uma grande preocupação com essa pauta, e se ele pudesse escolher essa não seria a pauta do seu mandato. Mas, um homem público que foi pautado pelo desejo, que foi pautado pelo conhecimento científico, abraça uma causa, e abre um aspecto dentro dos seus estados que traz uma economia, uma inovação,

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

um grande desenvolvimento científico, a propulsão de empregos necessários. E necessários no nosso momento atual do nosso Brasil também.

E aí, nós começamos a ver um efeito praticamente em cadeia. Hoje, o estado de São Paulo se debruça em cima de um debate importante, um debate que marca a história do Brasil. Porque se há dez anos nós todos éramos criminosos, hoje nós somos defensores ativistas; hoje nós somos médicos, advogados, cidadãos, mães, pais, legisladores, representantes do Poder Executivo, representantes do Poder Judiciário que tratam de umnexo de causalidade importante, que precisa ser discutido. E olham para isso e falam: “Não há outra maneira, nós precisamos legalizar, nós precisamos regulamentar, nós precisamos trazer oficialidade e transparência”.

Hoje, nós vivemos... Se não a guerra às drogas, a consequência à guerra às drogas que nos foi imposta. Nós precisamos criar uma cultura que seja nossa e parar de viver uma cultura criada em qualquer outro lugar, que só nos trouxe consequências. O problema da guerra às drogas, qual ele é? A própria guerra às drogas, a promoção do armamentismo, da violência, da falta de compreensão, do fechamento, da falta da discussão, da falta do exercício democrático e dos valores republicanos.

A legalização com a regulamentação é necessária, e se ela puder vir com um esforço do maior estado da nação brasileira isso só pode nos causar orgulho. Isso não quer dizer que é fácil, isso não quer dizer que o que se apresenta à frente dos senhores é uma questão a ser dirimida do dia para a noite, muito pelo contrário. Nos países que eu acompanhei isso, inclusive na Colômbia, onde o propositor da legalização, o senador então Juan Manuel Galán, foi filho do então candidato à presidência assassinado por Pablo Escobar por causa da guerra as drogas.

Eu o conheço pessoalmente, é um grande amigo. E na hora que eu vejo uma pessoa superar a sua dor pessoal em prol do público, porque isso lhe é imputado pelo seu mandato, eu vejo o quanto o ser humano pode ser grande, altruísta, empático e compassivo.

Essa tem sido, senhoras e senhores, a história de vários países, de vários estados onde a legalização não foi compreendida de maneira nacional ou federal. Mas esses podem ser os cenários que nós podemos usar para nos articularmos cada vez mais.

Esses podem ser os cenários de estudo. Esses podem ser os cenários de debate, para que a nossa conversa e o nosso debate sejam cada vez mais maduros. Cada vez menos norteados pelo proibicionismo que nos cega. Pelo proibicionismo que endurece as nossas vidas e os nossos corações.

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

É claro que nós precisamos garantir o direito à vida, a qualidade de vida dos necessitados e das suas famílias, mas também sejamos amplos e profundos em entender qual é o impacto econômico, financeiro que isso cria ou que isso deixa de criar em um país e em um estado como o Brasil. As propriedades que, não só a cannabis, mas o seu primo, irmão, o cânhamo, trazem a nossa agricultura, a nossa pecuária, são enormes.

Portanto - e se eu posso me dar ao direito de humildemente sugerir, inclusive, que outras conversas possam se expandir, não só a cannabis, mas também ao cânhamo, nós vamos começar a olhar para uma pauta econômica cada vez mais importante.

O cânhamo, ele tem total teor de CBD. Absolutamente nenhum teor psicotrópico. Mas, contudo, eu também quero enfatizar a necessidade de nós conversarmos cientificamente sobre os teores psicotrópicos, o THC, o tetraacabidiol, porque algumas enfermidades precisam e, se nós estamos falando em uma proposta de oferta dos medicamentos, nós precisamos olhar aquele que precisa condizente com aquilo que se oferece.

Recentemente, e aqui com caráter bastante de metáfora, eu ouvi de um neurocientista do centro do cérebro na Federal do Rio Grande do Norte, o Dr. Sidarta Ribeiro, dizer que podemos entender de certa maneira - o nosso corpo é uma fechadura. A cannabis é a chave. Cada fechadura precisa da sua chave e cada chave se encaixa em uma perfeita fechadura.

O que nós precisamos fazer para que esse encontro de saúde, terapêutico, de reconstituição e de resgate, inclusive de vínculos e laços familiares, aconteça, é abrir o caminho para a ciência nos elucidar.

Para que exames possam ter acesso econômico, as pessoas possam entender o que elas precisam, as associações possam, cada vez mais, sofrerem intervenções e aferições científicas para que os seus produtos sejam, cada vez mais, de alta qualidade, de menor nível de impureza e nós possamos, assim, caminhar para uma sociedade pacificadora de atritos e conflitos, com base na ciência, nas evidências e nos dados.

Já que o problema nos alcançou, o problema já faz parte das nossas casas. Não podemos mais negar a necessidade e não podemos mais negar o momento histórico que vivemos, em que novas economias estão sendo criadas, novos empregos estão sendo criados, novas profissões estão sendo criadas.

Uma maior proximidade da sociedade civil com as suas autoridades é necessária. A sociedade civil que pautou o nosso Congresso Nacional, depois de tanto tempo, de tantas mortes, de tanto choro, de tanta lágrima, de tantos pais, tantas mães, de tanta

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

indignação de tantos profissionais: psiquiatras, neurocirurgiões, psicólogos, fisioterapeutas, que tratam de dores, e dores que não cessam de outra maneira a não ser pelo uso da cannabis.

O que eu pleiteio é que esse uso seja cada vez mais científico, cada vez menos perigoso, cada vez mais assertivo, para que as tentativas e erros, erros e tentativas não consumam o tempo e a capacidade financeira, e que nós possamos ser assertivos num tratamento já justificado e confirmado como positivo. Nós precisamos fazer campanhas de educação.

Jovens não podem entrar em contato com a cannabis por meio dos prensados, da vulgarização, da conhecida maconha. Isso fritar neurônio, isso obsta um desenvolvido neurológico, isso dificulta e cria doenças que mais tarde vão, senão terminar com esta vida, levar esta vida a um consumo cada vez mais paralelo. Nós precisamos combater a indústria paralela.

Nós precisamos combater o tráfico e nós combateremos tudo isso se nós nos abirmos para a ciência, para a legalização, para a regulamentação. Os nossos jovens deixarão de ir à boca de fumo para um consumo vulgar e banalizado. Eles não podem ter contato com a cannabis - é sabido isso.

Portanto, advogar pela legalização não é o “liberou geral”. Eu digo aos senhores: o “liberou geral” já existe. O “liberou geral” é chancelado pelo proibicionismo. Ao tirarmos o proibicionismo das nossas discussões, ao tirarmos o proibicionismo como meta, como objetivo, como centro das nossas discussões, nós abrimos para a legalização, oficialização. E nós lutamos contra uma indústria paralela, que consome os nossos jovens com um prensado de amônia, de urina e de outras coisas.

É pela educação, é pela vida de qualidade e sustentável, é pela cronologia de que tem coisas que têm que ser usadas em determinados momentos e tem coisas que não têm que ser usadas em determinados momentos. É pela defesa da ciência, é pelo exercício da democracia e é pelo engrandecimento do nosso estado na vanguarda que mais uma vez eu me coloco à disposição dos senhores para qualquer esclarecimento que eu lhes possa oferecer.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Muito obrigada, Patrícia. Foi extremamente elucidativo, foi extremamente rico. Eu mesma não sabia nem um terço daquilo que você colocou. Estou surpresa e acredito que os meus colegas também. Queria colocar a Patrícia à disposição para vocês fazerem perguntas, caso



## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

vocês assim o queiram, e eu queria fazer uma pergunta, Patrícia: quais são as patologias que são tratáveis?

Por que não são todas tratáveis ou algumas são tratáveis pelo Canabidiol? E qual é a maior dificuldade que se tem hoje para fazer esse convencimento com as pessoas em relação não só ao preconceito e ao desconhecimento, mas sobretudo a essa confusão de que não é a maconha, mas é um componente da Cannabis?

Como que é isso? Como que é fazer esse convencimento, levar essa informação e de alguma forma convencer, informar e livrar a pessoa da ignorância? Porque é exatamente essa situação que se vive hoje para romper esse preconceito.

**A SRA. PATRÍCIA VILLELA MARINO** - Obrigada, Sra. Presidente. O rol de patologias, de enfermidades, é bastante extenso. Nós sabemos que algumas dessas enfermidades são tratadas exclusivamente com o CBD, o Canabidiol; outras precisam ter um efeito quase que alquímico, porque é necessário o Tetracanabidiol, o THC, ser incorporado ao medicamento.

Mas vamos dizer, aos pacientes de Alzheimer e Parkinson é necessário que o THC seja um dos componentes desse tratamento. Por quê? Algumas patologias têm sinapses, têm ligações nervosas, que são muito demoradas; então, elas precisam ser aceleradas. Outras têm sinapses, conexões nervosas, muito aceleradas, então elas precisam ser um pouco retardadas.

Portanto, nós precisamos que a Ciência tenha a definição dessas patologias: Alzheimer, Mal de Parkinson, dores crônicas, esquizofrenia, depressões muito profundas, câncer, tratamentos terapêuticos no tratamento do câncer, insônia, doenças de pele, sem dizer todas as síndromes bastante raras que acometem crianças, como a síndrome de Dravet, outras síndromes que são conhecidas simplesmente por letras e que eu como não especialista no assunto nem saberia.

Dores de cabeça alucinantes, por exemplo, as epilepsias, doenças de todo o trato degenerativo, neural, obesidade, por exemplo, eczemas de pele; o rol é bastante extenso. Ainda existem outras enfermidades que estão sendo estudadas em outros países para que a gente possa entender cada vez mais qual é o cabimento, a posologia.

Por não podermos estudar aprofundadamente, nós não temos posologia como outros remédios têm. Então, outros remédios você saberia que 30 gotas de Buscopan servem para X, Y e Z. Nós precisamos chegar a esse momento. Outra coisa muito importante.

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

Hoje, nos Estados Unidos, mas também eu quero dizer que aqui já existe, há uma grande crise de opioides: pessoas viciadas em medicamentos que são obstáculos aos neurotransmissores e à dor. Então, essas pessoas ficam viciadas nesses medicamentos. A Cannabis pode fazer o exercício terapêutico de te tirar do vício e não fazer que você tenha que usar esse medicamento extremamente caro e extremamente viciante.

Para completar a minha resposta, a grande dificuldade da última década tem sido exatamente a investigação científica, porque se nós criminalizamos isso, nós dificultamos o uso da matéria prima para investigação científica. Nós obstruímos o caminho do conhecimento pela ciência.

Uma pessoa pode ser presa por estar transportando flores de Cannabis para o laboratório. Então, são coisas tão absurdas! Hoje em dia os habeas-corpus têm facultado algumas pessoas, associações, a terem essas plantações extremamente vigiadas, para que elas possam ser insumo de investigação científica.

Portanto, essa é uma grande dificuldade. Nós precisamos descriminalizar a vida, e oportunizar saúde.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Perfeito, Patrícia, obrigada pelas suas respostas. Se algum colega gostaria de fazer... Deputada Edna Macedo, fique à vontade, Edna. (Pausa.) Seu microfone, Edna. É só liberar o microfone.

**A SRA. EDNA MACEDO - REPUBLICANOS** - Boa tarde, Sra. Presidente. Boa tarde a todos os meus companheiros, nossos deputados da Comissão da Saúde.

Doutora Patricia, foi muito bem explanado o que a senhora nos expôs neste momento. E, realmente, para nós, foi uma surpresa. A gente não entende tudo. Nós precisamos ter mais conhecimentos para poder discutir, para poder entender o que se passa na verdade.

Mas eu gostaria de fazer uma pergunta. Para se tornar viável esse projeto de legalização para o uso medicinal, quem vai fornecer a matéria prima, no caso a Cannabis, para o laboratório fabricar o medicamento?

**A SRA. PATRÍCIA VILLELA MARINO** - Boa tarde, deputada.

A intenção é que essa fabricação, ou essa planta, seja de produção nacional, exatamente para diminuir todo o custo, e nós oportunizarmos acesso econômico deste produto final para a população brasileira.

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

Portanto, esse plantio é realizado aqui, por pessoas credenciadas, como hoje existe num mecanismo de exceção. Hoje os habeas-corpus são concedidos a algumas associações para que elas façam esse cultivo.

Então, a intenção é que o que hoje tem sido usado em caráter de excepcionalidade possa ser abrangido pela lei e pessoas credenciadas, portanto, oficializadas, façam o plantio de acordo com o prescrito em lei.

**A SRA. EDNA MACEDO - REPUBLICANOS** - Ah, perfeito.

Infelizmente, doutora, o nosso País é muito fariseu, o pessoal é muito hipócrita, entendeu? É uma coisa de que a gente precisa, e as pessoas criam, por uma questão de preconceito. Eu acho que isso vem de encontro às necessidades, porque, realmente, é o que você falou.

Somente um pai e uma mãe que têm um filho à beira da morte, se disser para ele, você vai tomar um medicamento que tem a Cannabis, imediatamente ele vai querer salvar o filho. Ela vai querer e não vai querer nem saber se aquilo tem maconha, ou se deixa de ser. Essa é a grande realidade. Infelizmente nós vivemos num mundo hipócrita. Mas parabéns pela sua explanação e muito obrigada.

**A SRA. PATRÍCIA VILLELA MARINO** - Muito obrigada, e a todos os senhores.

Nós estamos aqui, neste lugar cívico para, realmente, podermos conversar. E as informações que nós concentramos aqui, inclusive com 12 startups sendo aceleradas e desenvolvidas num laboratório mesmo, cívico, estão à disposição dos senhores, para que nós possamos compartilhar informação, conhecimento, experiência.

Muito obrigada.

**A SRA. EDNA MACEDO - REPUBLICANOS** - Nada. Nós é que agradecemos. E para terminar, viu, doutora, e Patricia, nossa presidente, isso aí já era usado. Coronel Nishikawa está aí presente, sabe muito bem que na 2ª Guerra Mundial os soldados usavam essa droga. Não é verdade, Nishikawa? E ninguém falava nada, não é verdade?

Muito obrigada.

**A SRA. PATRÍCIA VILLELA MARINO** - Se me permite um comentário, eles usavam a planta e o cânhamo, faziam as suas fardas, fardas de muita resistência, dado o alto teor fibroso dessa outra planta.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Muito bom, muito bom, Edna. Muito boa sua contribuição. Alguém mais? Deputado Caio França?

**O SR. CAIO FRANÇA - PSB** - Se me permite, presidente, eu queria...

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Claro.

**O SR. CAIO FRANÇA - PSB** - Queria, primeiro, cumprimentar a Patrícia pela fala, pela exposição, pela maneira bastante didática como apresentou aqui seu histórico de vida, praticamente deu um testemunho aqui da sua luta.

Como eu falei aqui no início, nos bastidores da Comissão, eu tenho um projeto de lei que apresentei em 2019, incluindo os medicamentos à base da cannabis no rol de medicamentos fornecidos pelo SUS, sendo que, na prática, essa já é uma realidade, porque muitas famílias já utilizam desse expediente, só que através de medidas judiciais, encarecendo para o próprio Estado, sem conseguir fazer um planejamento orçamentário para isso, sem conseguir fazer nenhum outro movimento nesse sentido.

Então, fico feliz que a gente consiga, aqui na Comissão de Saúde, ter esse tipo de ação. Dizer que nós vamos lutar muito, viu, Patrícia, para que esse ano ainda a gente consiga ter esse projeto aprovado aqui na Assembleia.

Eu quero conclamar aqui os colegas para que possam me ajudar aqui a fazer com que esse projeto possa avançar. Sem dúvida eu tenho tentado, a gente tem uma praxe aqui de ter dois projetos discutidos aqui no plenário, apresentados por parlamentares. Eu tenho tentado muito esse projeto, mas infelizmente não tenho conseguido.

Então, que essa reunião aqui também sirva para poder abrir a mente, não desses colegas aqui, mas de outros colegas mais também que possam ter uma avaliação, uma visão um pouco distorcida do tema, que é um tema muito atual e que salva vidas, dá qualidade de vida para milhares de famílias, e que já é uma realidade no Brasil. A gente não pode ficar para trás, São Paulo tem que estar sempre na vanguarda dos assuntos principais.

## *Divisão de Registro de Pronunciamentos*

Então, é mais para cumprimentar e saudar as duas Patrícias, a Patrícia que expôs aqui, pela maneira como expôs, e a Patricia presidente, por trazer essa pauta na Comissão de Saúde.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Obrigada, Caio, pela contribuição. Como eu já falei para o Caio, a gente estava em off, pode contar também com o meu reforço na assinatura.

E gostaria de saber se tem mais algum deputado que gostaria de fazer alguma contribuição, alguma fala para a Patrícia.

**O SR. CORONEL NISHIKAWA - PSL** - Presidente, muito rapidamente.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Claro, Coronel. Fique à vontade.

**O SR. CORONEL NISHIKAWA - PSL** - Nós precisaremos trazer também, não o contraditório, mas alguém que diga: “não é bem assim”. As leis existem para serem obedecidas. Entretanto, nós sabemos que existe contrabando, e não só do canabidiol ou da maconha, como é popularmente é conhecida. O ópio, a coca. A coca, lá nos Andes, é consumida por folha, para poder diminuir o efeito das alturas, mas é produzida e, quando vira cocaína, é um outro produto.

Então, nós precisamos tomar muito cuidado para que isso não vire um comércio caro, que vai afetar muita gente para o consumo. Não estou falando do uso medicinal. Então, precisaria trazer alguém para explicar isso também.

É isso, obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Então, Coronel, mas só fica o grifo que a gente está falando de uma coisa extremamente específica. A gente está falando do uso medicinal do canabidiol.

**O SR. CORONEL NISHIKAWA - PSL** - Sim, mas, a produção, é que eu estou falando. Se abrir uma produção, entre aspas, quem (Inaudível.) Vai ter muitos outros que vão fazer isso. Eu vou citar um exemplo. (Inaudível.) Nós estamos vendo várias queimadas no estado de São Paulo. O balão é proibido. Quem fiscaliza isso?

*Divisão de Registro de Pronunciamentos*

(Inaudível.) Eu, inclusive, tenho um projeto de lei na Assembleia para debater isso. Mas quem faz uma campanha para debater isso? Só quando pega fogo chamam o bombeiro para apagar.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Teu áudio está com falha.

**O SR. CORONEL NISHIKAWA - PSL** - O que eu quero dizer é o seguinte: quem vai fiscalizar isso, em suma?

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Tá bom. Obrigada, Coronel, pela sua contribuição. Por favor, Patricia.

**A SRA. PATRICIA VILLELA MARINO** - Na lei em debate na Câmara e no Senado Federal, nós temos toda essa previsão. Eu quero exaltar o trabalho do deputado Paulo Teixeira e do deputado Luciano Ducci. Porque eles, ao serem pautados pela sociedade civil, pela classe médica também, eles se disponibilizaram a viajar, a estudar outros ordenamentos jurídicos, para que o nosso fosse de excelência.

A perfeição, Coronel, não encontraremos. Porque o perfeito criou um mundo que nós mesmos desestruturamos. Então nós temos essa capacidade destruidora muito grande. Mas não é porque temos a capacidade destruidora muito grande que nós temos que ser sempre pautados pelo negativo, pela ilegalidade.

Nós precisamos cuidar da ilegalidade para que a legalidade, para que a oficialidade, para que a transparência, possam existir. E, cada vez, de mais destruidores, nós nos transformemos mais construtores, e menos destruidores. Os deputados se preocuparam com isso.

Eles foram à Colômbia, conversaram com os seus colegas colombianos. Foram aos Estados Unidos. Conversaram, em alguns estados, com os seus colegas americanos. Foram ao Uruguai, ver o que foi o grande caso do Uruguai. Inclusive, de quebra das convenções da ONU. E o que não aconteceu, que deveria ter acontecido.

Portanto, se a nossa legislação, se ela peca, por exemplo, por não atender as associações, por outro lado, ela tem um caráter de excelência muito grande de nos oferecer, passo a passo, a regulamentação de como essa plantação é feita, de como nós podemos seguir essa planta, de como essa planta vai ser tratada, de como uma economia

*Divisão de Registro de Pronunciamentos*

surge a partir disso, privilegiando a oficialidade, privilegiando a legalidade e a transparência. E para que também não haja abusos econômicos de grandes indústrias sobre a indústria que nós podemos construir, sobre a indústria brasileira.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Muito obrigada. Muito obrigada a todos os deputados. Patricia, eu queria te agradecer mais uma vez pela disponibilidade e pela grande contribuição que você trouxe nesta tarde. É claro que vai ser o primeiro de muitos debates e de muitas conversas, porque traz muita riqueza e nos elucida na nossa ignorância. Vamos falar o português claro.

Obrigada mesmo.

**A SRA. PATRICIA VILLELA MARINO** - Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE - PATRICIA BEZERRA - PSDB** - Na nossa ignorância. Então, obrigada mesmo. Um beijo para você.

Não havendo mais nada a ser tratado, já estamos quase no horário do plenário, consideramos encerrados os nossos trabalhos.

\* \* \*

- Encerra-se a reunião.

\* \* \*